

FERNANDES, Joaquim. (2005). *Silenciados e Silenciosos. Religiosidade e espiritualidade em Portugal (Século XVII)*.

Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa,

ISBN: 972-8830-32-7.

Teresa Toldy

UFP

A obra agora publicada reproduz o essencial da tese de Mestrado em História Moderna, apresentada por Joaquim Fernandes à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1996, e constitui, nas palavras do próprio autor, “uma avaliação e reflexão, ainda que sumária, no âmbito da chamada história das mentalidades ou atitudes mentais” (p.7), presupondo, tal como Bloch (também citado na introdução da obra) que “os factos históricos são por essência factos psicológicos”. Inserindo-se, portanto, na lógica de abordagem aos fenómenos místicos e religiosos própria dos estudos histórico-antropológicos, o presente estudo debruça-se sobre um grupo de homens e mulheres do universo monástico português do século XVII com o intuito de indagar das suas “representações e imagens, mitos e valores” (p. 7), inserindo-os no contexto da época, na qual, em Portugal, a espiritualidade pós-tridentina se une à “sacralização de um país”. Para tal, recorre à obra *Agiologio Lusitano*, da autoria do padre Jorge Cardoso, procurando encontrar a “teia de relações” que esta estabelece entre “o conhecido, o reconhecido e o calado” (p. 7). E Joaquim Fernandes insiste na referência aos silêncios, presente, aliás, no próprio título da sua obra, jogando com o seu duplo significado – místico (a quietude constitui um requisito para a união com Deus) e de omissão de factos que pudessem, nas palavras do próprio autor, “retirar uma partícula de nobreza à personalidade das mulheres e homens de virtude” inventariados no *Agiologio* de Jorge Cardoso (p. 8).

Joaquim Fernandes (autor conhecido do público português e internacional por possuir um pensamento na fronteira entre o religioso e o

científico, procurando desmistificar a irreversibilidade dogmática da separação radical entre os discursos de ambos os campos, própria da modernidade e, eventualmente, ignorante da origem humana dos dois registos) intenta não só constituir uma pesquisa e uma sistematização da vida e obra de Jorge Cardoso, situando-a no seu contexto histórico, como também uma análise do seu *Agiologia* que faça emergir aspectos, no dizer de Joaquim Fernandes, tidos habitualmente como “marginais” (a saber, a feitiçaria, a magia, a superstição, entre outros) para a história das mentalidades e, portanto, ignorados ou pouco explorados pela mesma, inscrevendo-os numa “História antropológica do Imaginário” (cf. p. 10).